

## **TÍTULO: Os desafios do mundo contemporâneo para o sujeito e para a psicanálise**

### **RESUMO**

Vivemos em uma sociedade onde gozar tornou-se uma obrigação moral, em que o vínculo social não é mais articulado ao impossível. O que a psicanálise tem a oferecer, já que opera na contramão desse mais-gozar? E o que o psicanalista faz? Ele aplica o método psicanalítico, como afirmou Lacan. O objetivo desse trabalho é provocar reflexões sobre o tratamento, a cura e a ética da psicanálise no contexto de um mundo tão adverso.

### **TEXTO:**

A fim de orquestrar uma massa, em tempos atuais, tanto a ciência quanto a lei do consumo excluem cada vez mais a singularidade que habita o homem, a dor e o sofrimento próprios a todo ser falante, onde o que serve para um serve para todos, onde o desejo de um é o de todos, notadamente o desejo do Outro, porém por mais que se tente, não há como padronizar o desejo, ele há que se revelar um-a-um.

Colette Soller, desenvolve a problemática do senhor e escravo e a mais valia de Marx, traduzida por Lacan como “o mais de gozar”, e qualifica aquele que consome, como o “narcísico”, fazendo analogia ao narcísico e cínico, uma vez que o discurso capitalista não faz laço social, já que os laços são estabelecidos com a mais-valia e os objetos produzidos. O fora do laço produz insatisfação, nunca é suficiente. O consumo, a aquisição, o trabalho para adquirir, toda essa loucura, produz insatisfação que gera a angústia e, uma vez que não faz laço, o que liga os sujeitos é o sintoma, ou seja, cada um tenta se servir do seu sintoma fundamental, para fazer suplência à infelicidade da massa, na sociedade do consumo e do espetáculo.

Não há precedente na história da humanidade para este modo de existir, o que tem como efeito a irrealização dos ideais narcísicos. É importante salientar que narciso foi advertido pelo oráculo que teria vida longa se não olhasse para sua própria imagem. O

narcisismo embora hoje banalizado no senso comum é um momento extremamente importante pelo qual todo humano passa, é justamente a sua base.

O consumo excessivo, ao passar no real, o mais-de-gozar, ao estendê-lo, desvaloriza e afasta os sujeitos. Vivemos em um mundo do espetáculo, da massa ocupada com a realidade virtual, na qual cada um procura o próprio eco em um mundo de imagens que assim como no mito podem ser mortíferas, no qual os acontecimentos dramáticos e o horror são banalizados.

Presenciamos também o espetáculo do sucesso, como se os bem-sucedidos estivessem desabonados da angústia e do real. O êxito sempre encanta e esta justaposição de tudo muito ideal, parece fazer suplência do laço que falta.

Os hiper conectados, preocupados com algo que não toca seus corpos, uma intrusão cotidiana de imagens, de outros corpos, criam pra si toda espécie de companhias distantes e imaginárias, companhias de sonhos. Como no caso do violinista tão próximo, mas não reconhecido, como se somente nos melhores palcos pudesse ser notado (SOLLER, 2010).

Deste modo, meros consumidores de objetos narcísicos, porém sem desejo, alienados a um discurso do capital, que os torna muito mais objetos ao seguir o padrão de funcionamento utilizado no mundo virtual, nas redes sociais, onde as relações e as pessoas são deletadas ou bloqueadas com uma rapidez meteórica, é como narciso que só escuta o eco de sua própria voz. Evidentemente trata-se de um simbólico muito pouco utilizado e quando o é, faz frente ao outro como escudo, denotando possivelmente algo inassimilável nas relações, e cuja falta de sentido afetava o sujeito profundamente.

Todavia, o coletivo não escapa ao empuxo do Um, da unificação. Tenta-se unificar o desejo, o pensar, o dizer e o fazer, porém, sem que com isso o laço social se sustente. Impossível unificar o desejo, este enquanto furo na experiência singular, subjetiva, que só se dá, um a um.

Ultimamente temos escutado o discurso do excesso no qual o mundo se vê mergulhado narcisicamente correspondendo à cultura do consumo, que remete ao gozo

desmedido. Das famílias, escuto na clínica, o excesso de gritos, xingamentos, excesso de queixa, de atividades o excesso de demandas aos pais, e de disputa de lugar e poder com seus filhos. A educação familiar não tem oferecido às novas gerações amarrações e nomeações consistentes, deixando suas filiações à mercê das pulsões. Na falta de possíveis versões dos “nomes-do-pai”, os filhos ficam desorientados e desamparados. Pais pedem socorro. Todos sofrem.

Oferecer a escuta psicanalítica e sustentar a psicanálise com base no endereçamento que sua prática dá ao sujeito é uma possível sustentação da própria Psicanálise no mundo, baseada em seu discurso em busca de dar voz a estes que sofrem sem a menor noção de por onde anda seu próprio desejo.

“A psicanálise não é uma terapêutica como as outras”, afirmação de Lacan nos “Escritos” em Variantes do tratamento padrão, para elucidar que o termo Variantes, não quer dizer adaptação do tratamento com base em critérios empíricos nem clínicos, nem à variedades e variáveis, mas a uma inquietação com um rigor balizado pela ética, fora do qual qualquer tratamento, mesmo cheio de conhecimentos psicanalíticos, não pode ser senão uma psicoterapia. Neste mesmo texto, Lacan sustenta o termo cura, que nesse caso vem por acréscimo, como um benefício adicional do tratamento psicanalítico. Trata-se menos de um rigor do que de uma postura ética, que ao longo do tratamento manejado por alguém que assume um lugar, resultado senão de sua análise pessoal, insere o sujeito na ordem do desejo. Um analista é fruto de uma formação que tem como suporte principal sua análise pessoal, assim “ a psicanálise é o tratamento que se espera de um analista”, uma prática sobretudo balizada pela ética do desejo.

Desde Freud nos é claro que o exercício da psicanálise é fundamentado na palavra e tem como suporte a transferência, por meio dos atos falhos, sonhos, lapsos do discurso, desordens de rememoração dentre outros, o sujeito tem a possibilidade de falar da sua história, de historicizar o próprio discurso e chegar à própria hystoeria, permeando a possibilidade da decifração do sintoma, este que recobre o desejo tamponado pelo gozo.

No sentido psicanalítico, o sintoma não passa de uma emergência, de uma “verdade” que diz respeito ao gozo, aliás o sujeito é o próprio sintoma.

A análise é, pois, uma prática cuja operação essencial é de ordem ética. Desde o início dos estudos freudianos, a análise foi uma prática particular cujo recurso à palavra sob transferência a distingue das demais prêt-à-porter.

Nesse mundo do consumo desenfreado, da virtualidade, da comunicação instantânea e quase sem limites no tempo e no espaço, há lugar para a psicanálise? Qual é esse lugar?

Sim, há lugar. E cada vez mais. A psicanálise, com seu modo particular de intervir, em que o sujeito é sempre tomado enquanto desejante, continua tendo hoje vastíssimo campo de atuação. O que a diferencia de outros recursos oferecidos pela cultura - como o consumo de medicamentos, de drogas, de carros, de dispositivos tecnológicos, de diversão, de conhecimento, e tudo o dinheiro pode comprar, incluindo aí as mais diversas terapias, que “prometem” dar ao homem a salvação para seu ‘mal-estar”, para o seu desamparo - é exatamente sua orientação ética na maneira como aborda os impasses do sujeito. A psicanálise não oferece a ele a ilusão da extinção do sofrimento da vida, pois a privaria de uma de suas dimensões fundamentais. Não promete a abolição do vazio, do “não sentido”, do “absurdo”, que são inerentes à condição humana. Busca, ao contrário, dentro do possível, ajudá-lo a reconciliar-se com essa condição, consigo mesmo, sem desistir de ser desejante.

**AUTORES:** Rosana Aguiar, Glauter Rocha e Manoel Ferreira, de Intersecção Psicanalítica do Brasil - IPB